

GUSTAVO FORATINI/AT



BECKENBAUER BROEDEL é um dos comerciantes mais antigos da Feira do Aribiri e diz que só vende produtos com procedência. Maior procura dos clientes, segundo ele, é pela carne seca, que vem do Rio de Janeiro

A TRIBUNA COM VOCÊ EM ARIBIRI

Feira do bairro ganha nova imagem

Conhecida na região pela venda de produtos sem procedência, a Feira do Aribiri agora passa por ações mais rigorosas da prefeitura

Christina Kruschewsky

Mais fiscalização, venda de produtos com procedência e nota fiscal têm melhorado a qualidade da tradicional Feira do Aribiri, em Vila Velha. A melhoria tem ocorrido por conta de ações conjuntas desenvolvidas entre a Prefeitura de Vila Velha e as polícias Militar e Civil.

“Isso está mudando a imagem da feira, que estava ficando conhecida pela venda de produtos sem autorização”, explicou o coordenador de Fiscalização de Posturas da Prefeitura de Vila Velha, Almerino Nascimento.

A fiscalização constante, segundo ele, é o que está coibindo as vendas ilegais. Nascimento destacou que o indivíduo que for flagrado com materiais sem comprovação de origem, como nota fiscal, pode ser encaminhado à polícia.

O coordenador relatou que também é comum encontrar na feira a venda de produtos que a prefeitura não autorizou, como ferramentas, por exemplo. “Tem gente vendendo enxadas e marretas. Isso não é o tipo de produto que deve ser comercializado lá”, destacou.

“Minha barraca é marcada pela venda de produtos que vêm da roça, como queijos que vêm de cidades como Fundão, Afonso Cláudio e Santa Teresa”.

HISTÓRIA

Segundo relatam moradores, a Feira do Aribiri já existe há mais de 30 anos. Um dos feirantes mais antigos é Beckenbauer Broedel, 42,

dono da Barraca do Alemão, nome dado para homenagear seu pai.

Beckenbauer, conhecido como Bequinho, começou na feira aos 13 anos com o tio e, aos 16, montou sua própria barraca.

Já tradicional na feira, ele contou que seu produto mais procurado é a carne seca, que vem do Rio de Janeiro.

Bequinho frisou que funciona legalmente, de acordo com as regras. “Minha barraca é como uma empresa. Tenho nota fiscal dos meus produtos e faço vendas até para quem quer comprar no cartão de crédito”.

A Feira do Aribiri funciona todo domingo, das 6 às 14 horas, na rua Emydio Sacramento.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Quilombo de escravos

➤ **ARIBIRI** é um termo indígena e significa barata pequena, como as encontradas nas pedras próximas ao mar. O rio Aribiri, depois conhecido como Aribiri, deu origem ao nome.

➤ **A REGIÃO** já foi quilombo de escravos. Em 1910, virou povoado. O progresso veio com a instalação do bonde, em 1912.

➤ **AS PRIMEIRAS** ruas foram abertas em 1935. Já em 1973, foi inaugurado o primeiro orelhão, o posto médico e a praça Alfredo Aragão.

➤ **NA DÉCADA** de 1960, foi construída a avenida Jerônimo Monteiro, que permitiu a circulação de ônibus. Os bondes deixaram de circular por volta de 1975.

➤ **AS FAMÍLIAS** mais tradicionais do bairro eram os Vereza e os Lourenço Rodrigues.

Fonte: Moradores do bairro.

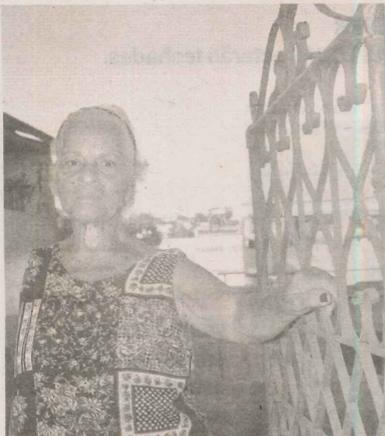
ONDE ESTÁ A URNA

Sugira uma reportagem

Os moradores de Aribiri podem sugerir matérias e reivindicar melhorias para o bairro. Basta depositar as dicas na urna do projeto **A Tribuna com Você**, na banca Perim, que fica na esquina da rua São Luiz Conjunto Plácido Barcelos com a avenida Carlos Lindenberg.

AS RECORDAÇÕES

GUSTAVO FORATINI/AT



ELZA: movimento com a estação

Estação do bonde

A pensionista Elza Barros Afonso, 82, é moradora de Aribiri desde que nasceu. Ela mora ao lado de onde funcionava a antiga estação do bonde. “Havia muito movimento por aqui. Em épocas como essa, em que acontece a Festa da Penha, o bonde já chegava lotado, vindo de outros bairros”.

Outra lembrança da moradora é da avenida Jerônimo Monteiro, onde o bonde passava. “Era muito barro e mato. As pessoas tinham medo de andar por lá”.

RODRIGO GAVINI/AT



TEREZINHA: 50 anos no bairro

Falta de energia

A dona de casa Terezinha Subtil Guedes, 77, disse que mora em Aribiri há mais de 50 anos e que seu pai adquiriu o terreno onde ela mora atualmente nessa época. “Ele dividiu o terreno e presentou cada um dos filhos com um pedaço”.

Junto com o marido, Terezinha foi para o bairro, onde acabaram construindo a casa onde vivem até hoje e criaram os sete filhos.

Quando a energia ainda não tinha chegado ao bairro, Terezinha cortou que colocava o filtro de água embaixo das árvores do quintal para manter a água fresca.